

Lições do Aluno Hoasqueiro no “Sítio dos Encantos”¹

Wagner Lins Lira²

Resumo

O direcionamento deste artigo relaciona-se aos fenômenos subjetivos e espirituais emergentes nas sessões com ayahuasca ou Vegetal na Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV)³, dissidência udvista pernambucana situada no município de Riacho das Almas, agreste do estado. Para tal, procuraremos entender como se dá a ligação dos adeptos com o Astral Superior a partir da relação direta entre espírito e matéria num dualismo complementar e não redutor, que tem por referencial doutrinário os princípios do mestre José Gabriel da Costa. Os diálogos e entrevistas realizados com alguns adeptos nos permitem entender a manifestação do êxtase religioso, assim como os caminhos a serem trilhados diante das informações recebidas nos ritos com ayahuasca, considerada uma bebida professora, que costuma testar progressivamente seus alunos mediante o contato com essa realidade espiritual.

Palavras chave: *Antropologia. Bebidas. Ayahuasca. Rituais. Êxtase religioso.*

Abstract

The direction of this article is related to emergent subjective and spiritual phenomena on ayahuasca or Vegetal sessions in the *Associação Espiritualista União do Vegetal* (AEUDV), a schismatic *udvista* from Pernambuco state located in the city of *Riacho das Almas*. To this end, we will seek to understand how the participants are connected with the *Superior Astral*, considering the direct correlation between spirit and matter in a complementary and not reduced dualism, with a doctrinary referencial on principles of Master *José Gabriel da Costa*. The dialogues and interviews conducted with some

¹ Refere-se ao sítio do mestre Patrício, lugar onde foi erguido o templo da AEUDV no município de Riacho das Almas (PE). Este artigo pretende sintetizar as análises contidas no terceiro capítulo de minha dissertação de mestrado em antropologia, que foi publicado na íntegra no ano de 2010 - pela Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina - na forma de ensaio (Lira 2010). Contudo algumas reduções textuais e adequações temporais precisaram ser feitas neste novo manuscrito no intuito de atualizar os dados etnográficos sobre a AEUDV, obtidos durante minha pesquisa de campo nos anos de 2007-2008, e que se encontravam publicados, porém defasados devido à fluidez imanente às institucionalizações dos novos centros ayahuasqueiros, especialmente no que tange aos grupos localizados em território nordestino (Lira, 2009 a).

² Doutorando em Antropologia (PPGA- UFPE), pesquisador associado ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP) e ao Grupo de Estudos sobre Álcool e outras Drogas (GEAD). Contato: neoxamam@hotmail.com.

³ Centro ayahuasqueiro pernambucano dissidente do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, religião ayahuasqueira brasileira mais conhecida por União do Vegetal ou UDV. Durante minha dissertação - defendida no ano de 2009 - abordei os fenômenos institucionais, espirituais e subjetivos emergentes em dois grupos nordestinos dissidentes; a Sociedade Espiritualista União do Vegetal (SEUDV), no estado de Pernambuco, e o Centro de Harmonização Interior Essência Divina (CHIED), em Alagoas. Meses após a defesa fui informado de que a SEUDV pernambucana havia mudado de nome, passando-se a se chamar Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV). Portanto o que mudou foi apenas a nomenclatura, pois a instituição não tem fins lucrativos, sendo conveniente aos mestres e adeptos denominá-la por Associação, tanto no âmbito institucional e administrativo, quanto espiritual. Mesmo afastada institucionalmente da religião oficial udvista, a AEUDV procura continuar com a tradição, seguindo os princípios doutrinários do fundador, o mestre José Gabriel da Costa. Maiores detalhes sobre o histórico institucional desta dissidência udvista podem ser encontrados em Lira (2009a) e Lira (2009b). Detalhes atuais sobre a AEUDV também podem ser acessados em: <http://aeudv.org.br/>

followers allow us to grasp the manifestation of religious ecstasy, as well as the routes to be followed before the received information in Ayahuasca rites, knowed as a drink teacher that often test your pupils through contact with that spiritual reality.

Keywords: Anthropology. Drinks. Ayahuasca. Rituals. Religious Ecstasy.

1. A burracheira⁴

Quando o hoasqueiro⁵ comunga o Vegetal ele é tomado por uma “*força estranha*”. Força mágica da natureza, inspirada nos efeitos da união do marirí com a chacrona⁶. Força que todo discípulo precisa conhecer para saber agir produtivamente sob seus efeitos, pois é preciso “trabalhar” dentro dos estados da consciência ampliada, para então, poder tirar proveito desses ensinamentos. Trabalhar nos estados incomuns da consciência significa ter controle durante o êxtase para ser capaz de assimilar algumas informações emergentes nesses momentos singulares. O controle e a profundidade das experiências surgem com o tempo e a partir do uso prolongado da ayahuasca, que passa a ser ministrada num âmbito doutrinário específico. Neste caso etnográfico particular, tratarei da esfera udvista estabelecida pelo mestre José Gabriel da Costa e que norteia os trabalhos espirituais da AEUDV.

Norman Zinberg (1984:37), ao analisar o uso dos psicoativos, afirma que as sociedades humanas constroem culturalmente alguns meios relativos ao controle, uso e precaução das situações adversas que possam vir a acontecer antes, durante e depois do efeito de determinadas substâncias. Para tal, segundo este autor, são elaborados sanções e rituais sociais que minimizam as reações danosas provocadas por certos entorpecentes. A pesquisa de Zinberg foi direcionada aos psicoativos ilícitos usados pelos norte americanos na década de 70. Para o nosso caso específico, sua teoria nos ajuda a

⁴ Segundo os interlocutores, o mestre Gabriel, fundador da doutrina udvista, foi quem trouxe essa palavra no intuito de denominar os efeitos do chá. Acredita-se que seja derivada da palavra espanhola *borrachera*, que denomina os estados da embriaguês alcoólica. Provavelmente, nos seringais, as pessoas deviam se referir às propriedades visionárias da infusão chamando tudo aquilo de *borrachera*. Então o mestre teria substituído o “o” pelo “u”, criando uma nova denominação para diferenciar o estado místico da bebida, daquele entorpecimento profano remetido pela palavra *borrachera*.

⁵ Os hoasqueiros são todos udvistas guiados pela sabedoria de Hoasca, importante personagem da cosmologia dessa tradição. Maiores detalhes sobre o mito fundante da doutrina; “*a História da Hoasca*” consultar: Goulart (2004), Andrade (2005), Ricciardi (2008) e Lira (2009a).

⁶ O Vegetal é produzido a partir da decocção de duas plantas amazônicas; o cipó Marirí (*Banisteriopsis caapi*) e as folhas da Chacrona (*Psychotria viridis*).

compreender como é possível administrar e controlar os diversos efeitos das experiências com o chá e, conseqüentemente, domesticar a “*força estranha*”.

Segundo Zinberg (1984), as sanções sociais estariam relacionadas à regularidade com a qual a substância é administrada. Elas são informais e se estabelecem pela lei ou por grupos sociais que ditam os valores e as regras em relação ao seu consumo. Os rituais sociais servem de reforço às sanções. As regras e interditos comuns às sanções passam a ser revisitados nesses momentos onde acontece o uso controlado da substância. O ritual social está intimamente relacionado à forma de obtenção do psicoativo, à escolha do *setting* físico e social, às atividades após o consumo e à forma de lidar com as reações adversas durante a experiência.

A partir dos estudos de Norman Zinberg, Howard Becker e Jean-Paul Grund, Edward MacRae (2004:2) afirma que tais autores levam em consideração que os grupos usuários de substâncias psicoativas compartilham de um conjunto de saberes construído e mantido a partir da vivência dos indivíduos nessas redes de relações. Dessa forma, valores, normas, regras de conduta e rituais sociais passam a conduzir as modalidades de uso, que incluem a vida dos sujeitos usuários e a disponibilidade das substâncias. Ainda de acordo com MacRae (2004), é notável a permanência desses padrões de controle mantidos e construídos pelos diversos grupos que fazem o uso da ayahuasca ou de outros enteógenos ministrados ritualmente. Neste sentido, o saber xamânico é mantido e readaptado à realidade social, geográfica e cultural dos adeptos da ayahuasca.

Apesar das distintas esferas que comungam esse chá, seu uso permanece controlado e direcionado às práticas espirituais de cunho divino cujas propriedades vão além da química e da física dos seus compostos promotores de reações biológicas e psíquicas. Enteógenos podem ser encarados como quaisquer elementos da natureza que possuam poderes visionários. Quando ministrados, normalmente em ritos específicos, são capazes de promover estados de realidade incomuns, que normalmente são interpretados como manifestações divinas oriundas do contato com o sagrado. Mediante rituais, tais elementos naturais agem como mediadores entre o mundo da experiência imediata e as infinitas dimensões espirituais que permeiam a existência humana (Lira 2009a).

Esses religiosos acreditam que a bebida é um ser divino e como tal merece respeito ao ser ministrada e produzida, pois possui vida, sacralidade e vontade própria.

Esse respeito se faz presente a partir do momento em que seus adeptos elaboram formas rituais padronizadas, nas quais se cria uma atmosfera favorável ao desenvolvimento da experiência. É necessário, portanto, estruturar os eventos da sessão para que o participante sinta-se à vontade durante o ritual. É preciso domesticar o êxtase.

Mircea Eliade (1992:87), acredita que em toda esfera religiosa existem formas de alcance divino caracterizadas pelo contato direto ou indireto com o sagrado. O êxtase é uma das constantes universais da experiência religiosa. O meio para atingi-lo varia de acordo com o sistema de crenças que os promove. Quando alcançado, o êxtase místico tem o poder de atuar no modo de vida das pessoas, operando uma mutação ontológica, “domesticando” os fieis. Para se atingir o êxtase se faz necessária uma preparação que, segundo Eliade (1992), favorece uma série de mudanças ao homem religioso tanto em relação às posições que cada um ocupa num grupo social específico, como em relação à reformulação individual e coletiva de pensamentos, atitudes, conceitos e idéias.

No caso hoasqueiro o êxtase, ou burracheira, se apresenta a partir do consumo do sacramento Vegetal, uma bebida psicoativa amazônica, aderido às práticas doutrinárias estabelecidas pelo mestre José Gabriel da Costa. As plantas que compõem essa infusão também podem ser enquadradas na categoria plantas professoras. Como tais, elas ensinam, agora cabe aos seus discípulos seguir algumas regras impostas pela bebida. Não só a bebida e o êxtase impõem regras aos seus usuários, de acordo com Zinberg (1984) e MacRae (2004), os sistemas sociais que deles compartilham também elaboram formas de uso, que devem ser seguidas para a transmissão desses aprendizados.

Os sistemas udvistas também compartilham dessa dinâmica, visto que, por meio de sanções e rituais, eles domesticam a força estranha, mas também se deixam domesticar por ela durante as sessões e, conseqüentemente, no seu dia-a-dia. Podemos verificar que aqueles adeptos mais experientes mantêm-se firmes durante os encantos da burracheira. Com o tempo, o indivíduo passa a exercer um controle maior do seu corpo nesses estados incomuns, que passam a ser cada vez mais comuns de acordo com a continuidade das experiências. Isso porque sua participação nas sessões lhe permite um contato maior com os símbolos e sensações promovidos pelos rituais, que reforçam as sanções sociais pensadas por Zinberg (1984) e MacRae (2004). Os iniciantes,

normalmente, ficam confusos e não sabem administrar bem essa experiência, tendo que superar algumas fases primordiais para saber trabalhar nos estados da consciência ampliada.

Os hoasqueiros afirmam que o aluno experiente e disciplinado vai aprendendo as lições, com o tempo, até que a força deixa de ser estranha e ele passa a vislumbrar uma fluência cognitiva, para além dos seus limites físicos e psíquicos. Assim ele pode alcançar o grau maior do conhecimento favorecido pela ingestão do Vegetal, chamado burracheira, que é interpretada como uma mensagem esclarecedora emergente nos momentos do transe. São as idéias, visões e resoluções de problemas pessoais na vida do hoasqueiro. É o que faz a diferença em relação à experiência mais rudimentar, conhecida por miração⁷. Na AEUDV, a miração é interpretada como uma simples miragem que se apresenta, durante a experiência, coberta de ilusão e criações.

Timothy Leary, Ralph Metzner e Richard Alpert, ao analisarem o Livro Tibetano dos Mortos nos anos 60, estabeleceram algumas fases comuns às experiências psicodélicas, comparando-as aos estados além-corpo interpretados pelo sistema de crença lamaísta⁸, do qual o livro é derivado. A partir dessa comparação, surgiu em 1964 o livro intitulado; “*A Experiência Psicodélica- Um Manual Baseado no Livro Tibetano dos Mortos*”. O *Bardo Thodol*, como o livro original é conhecido na língua tibetana, descreve as experiências esperadas nos momentos do falecimento até a reencarnação do espírito.

Os três pesquisadores afirmam que determinadas visões e sensações constadas nestes escritos sagrados são similares ao transe promovido pelas principais substâncias psicoativas, entre elas o LSD, a mescalina, a dimetiltriptamina⁹ e a psilocibina (Leary *et alii*, 1964). As visões e sensações são descritas - nesse guia básico do êxtase psicodélico a partir da comparação com o *Bardo Thodol* - de acordo com a profundidade da experiência. Os níveis mais elementares e comuns parecem variar desde simples projeções interiores de luzes, mandalas, figuras, raios e brilhos, até reflexões mais profundas de cunho pessoal e relativas aos aspectos emocionais do

⁷ Para os daimistas, a miração é o mais perfeito estágio da experiência. É quando se entra em contato com a realidade divina. A miração para os daimistas seria a burracheira para os udvistas. Em ambos os casos objetiva-se a atenção para o aprendizado favorecido pela ayahuasca. Daimistas são os seguidores de outra doutrina ayahuasqueira brasileira, mais conhecida por Santo Daime.

⁸ Termo referente ao budismo tibetano.

⁹ Princípio ativo presente na ayahuasca.

sujeito. São os chamados jogos visionários que ampliam os sentimentos de amor, unidade e afeição.

Os estados mais superficiais da experiência com o Vegetal, nos quais o adepto iniciante é lançado ao comungar a bebida, na AEUDV é encarado como miração. As luzes, mandalas e visões internas que aparecem nesses momentos são interpretadas como simples criações espontâneas do ego. Eles costumam dizer que é quando o hoasqueiro começa a criar. O aluno disciplinado não dá voz à sua imaginação. Ele sabe canalizar o fluxo dessas informações, durante o ritual, e vai procurando distinguir a burracheira da miração:

“A miração seriam esses filmes com luzes coloridas, túneis coloridos que você vê e que a princípio não estão dizendo nada, a não ser para os olhos. A burracheira se apresenta quando tem algo para dizer. É como se fosse o pensamento da gente (...) é como se fosse o nosso eu, no caso o espírito nos falando abertamente e na hora da burracheira vem uma resposta muito inteligente. Ensino é aquilo que você vê, ouve, sente e jamais esquece, mas isso se você for merecedor. A diferença da burracheira para miração é que você vê uma história com começo, meio e fim. Você nota uma inteligência muito grande por trás explicando as coisas e na miração não. Tudo depende do seu merecimento” (Mestre Jú Medeiros. 50 anos, pertence ao Quadro de Mestres da AEUDV)¹⁰.

O merecimento é um tema recorrente neste sistema de crenças. A doutrina udvista é considerada cristã e reencarnacionista. Acredita que nenhuma ação, gesto ou palavra possam existir sem uma reação. Seja ela positiva ou negativa - segundo os princípios da União do Vegetal - os problemas, infortúnios, saúde, doenças, tristezas e alegrias ocorrem pelo merecimento do sujeito. O que vivemos no presente é reflexo daquilo que praticamos no passado. Os interlocutores acreditam que o caminho para a iluminação espiritual passa pela redução dos erros a partir do acúmulo das experiências vividas. O Vegetal atua ampliando as informações necessárias ao espírito num curto espaço de tempo. Seguindo este princípio, o nível de informação obtido numa sessão com o Vegetal, também varia de acordo com o merecimento do adepto. Para ser merecedor desses ensinamentos, o aluno passa por algumas provas impostas naturalmente pelo chá professor. Ao longo da pesquisa¹¹, os entrevistados da AEUDV evidenciaram

¹⁰ Os dados contidos neste texto relativos aos interlocutores da AEUDV são referentes aos anos de 2007 e 2008, período em que foi realizado o trabalho de campo neste centro ayahuasqueiro. Contudo atualmente o Mestre Jú Medeiros encontra-se afastado do Quadro de Mestres da AEUDV devido a determinados compromissos profissionais, que o fizeram mudar-se com a família para a Ilha de Fernando de Noronha (PE). Todavia o mestre representante da Associação continua sendo o mestre Sebastião Patrício de Barros.

¹¹ Durante a pesquisa de campo foram dedicados, à Associação Espiritualista União do Vegetal - na época

alguns testes que o hoasqueiro precisa superar para poder entrar nos encantos com mais lucidez.

Para tal, antes de tudo, ele age com simplicidade, que está intimamente relacionada ao seu autocontrole sob o efeito da bebida. Eles afirmam que é preciso manter o pé no chão e a cabeça nas estrelas. Portanto o aluno não pode deixar-se engrandecer pelas visões e informações obtidas durante o transe, pois essas falsas sensações ou mirações interferem na comunicação com o Astral. O êxtase maior ou burracheira, nesse caso, surge a partir das mensagens esclarecedoras de cunho pessoal e que passam a conduzir a vida do hoasqueiro. Tais mensagens elucidativas são acessadas, a partir de um envolvimento maior do adepto nas sessões e na doutrina.

Em comum acordo, eles afirmam que o discípulo também deve procurar ser solidário e auxiliar os mais próximos a partir das instruções recebidas no Astral. Tudo isso representa uma espécie de preparação para que o hoasqueiro entre nos encantos do Vegetal mais lúcido e firme. Podemos entender essas provas como uma ação direta do êxtase a partir do seu poder de mutação ontológica, como pensado por Eliade (1992:87) e que permite ao hoasqueiro uma reformulação contínua de suas relações com o corpo, com os outros e com mundo, de forma que a vida passa a adquirir outro sentido.

Os testes da vaidade e do autocontrole apresentam-se, na verdade, como caminhos e fases que devem ser superados e que vão permitir um discernimento maior diante da forma peculiar com a qual o chá se comunica. As provas não seguem uma ordem pré-estabelecida, mas a superação dessas fases permite um maior grau de concentração, que faz aumentar o grau de memória e recordação dos alunos. O discípulo doutrinado não se deixa levar pelas visões e múltiplas sensações aparentemente provocadas pela ingestão do chá. Ele sabe o que quer e canaliza esse fluxo cognitivo a seu favor, porque com o tempo ele conseguiu domesticar aquela força estranha fazendo-a sua fiel aliada¹².

Eliade (1992:13) explica que o termo hierofania pode ser entendido como a manifestação de uma realidade sacra. Representa a existência de eventos incomuns à realidade profana do homem e se manifesta de maneira variada em todas as religiões. Nesse caso, é correto afirmar que existe uma enorme variedade de hierofanias devido à

Sociedade Espiritualista União do Vegetal - os meses de novembro do ano de 2007 e janeiro, fevereiro e março de 2008.

¹² Veremos que a força estranha ou burracheira também domestica os indivíduos através de castigos purificantes conhecidos como péias.

pluralidade de crenças inerentes ao comportamento humano. No caso hoasqueiro, essa realidade sagrada se apresenta quando o indivíduo bebe o Vegetal e, conseqüentemente, tem acesso ao Astral Superior, considerado como a morada espiritual, morada do criador e de todos os seres celestiais. Ele passa a frequentar tal realidade devido ao contato direto com as hierofanias fornecidas pela burracheira. Com o tempo, o aluno desenvolve um maior nível de concentração e discernimento tanto nas sessões como na sua vida cotidiana.

Lembrando que para os hoasqueiros essa função oracular do Vegetal só é atingida a partir do envolvimento maior do adepto com as doutrinas do mestre Gabriel. Nelas estão implícitos os padrões de consumo da substância enteógena e as sanções pensadas por Zinberg (1984) e MacRae (2004). Os ensinamentos foram deixados para que seus discípulos estudem, avaliem e sigam os preceitos do mestre. Antes de tudo, é preciso saber que o contato com o Astral está ligado, principalmente, ao interesse e autocontrole do aluno durante as experiências. A partir daí é possível, com o tempo, canalizar o fluxo de informações e distinguir a burracheira da miração. Assim o adepto vai adquirindo uma conduta que está ligada ao seu merecimento. Ele passa a entrar nos encantos do chá com mais lucidez, meditando e adquirindo soluções para problemas mais diversos.

Todo aprendizado precisa ser posto em prática; sendo assim, o hoasqueiro procura auxiliar outros irmãos a partir dessas informações, para continuar sendo merecedor, senão o aluno será cobrado diante de suas omissões e escolhas erradas. Eles costumam afirmar que a burracheira é do tanto e do jeito que o mestre Gabriel quer e, sendo assim, a guarnição está garantida, porém é preciso fazer por merecer. Segundo os interlocutores; o Vegetal tenta mostrar suas verdades pelo amor, mas quando o aluno é rebelde, discorda ou esquece dos conselhos e quer seguir do seu jeito, o professor ensina pela dor.

1.1 Quando a péia desce e o aluno é domesticado pelo êxtase

Para conseguir domesticar a força estranha o hoasqueiro deve, primeiramente, ser domesticado por ela. Em outras palavras, os alunos costumam ser submetidos a alguns castigos, decorrentes da desatenção em relação aos interditos, ditos no Astral, e

que envolvem mudanças de hábitos alimentares, abandono de vícios, cuidados com o corpo e com aqueles que lhes são mais próximos. Alguns atravessam passagens difíceis durante as sessões, sendo acometidos por náuseas, vômitos, diarreias, sentimentos negativos, momentos de depressão ou ansiedade. Essas passagens são encaradas como momentos-chave no processo de aprendizado. Muitas vezes surgem quando o aluno se mostra esquecido, desrespeitoso ou irresponsável com os ensinamentos. Então o Vegetal lhe aplica uma lição.

A péia¹³ é encarada pelos grupos ayahuasqueiros como um momento no qual o adepto expulsa do corpo as energias ruins seja vomitando, suando e ou chorando. Ela se apresenta como uma punição imposta pelo Vegetal aos seus discípulos, que devem seguir alguns preceitos básicos, reforçados nos rituais, na tentativa de evitar tais situações adversas durante a sessão. É quando vemos o êxtase domesticando o homem (Eliade 1992) e o homem domesticando o êxtase (Zinberg 1984 e MacRae 2004).

“A péia do Vegetal é justamente quando as pessoas estão com aquela consciência intranquila, porque às vezes fazem coisas indevidas que até então eram devidas, mas eles percebem que aquelas devidas, são indevidas. Tudo começa com um drama de consciência, uma reflexão dos seus atos, de suas atitudes, vem à tona tudo quanto você fez e você tem consciência do porque está passando por tudo aquilo. Vem logo na mente isso: ‘foi por tal coisa. Foi tal coisa que eu fiz’. Você começa a sentir e ter consciência de que está pagando por alguma coisa feita indevidamente. Isso é a péia. Sempre vem muito vômito e mal-estar. Sempre vem pra purificar e ensinar” (Mestre Sebastião Patrício de Barros. 64 anos, Mestre Representante da AEUDV).

A péia aparece como um fenômeno universal em toda esfera ayahuasqueira, apresentando-se como componente estrutural e norteador dos ritos com a bebida. Seja entre as tribos indígenas e vegetarianistas andinos onde o chá também é conhecido por “*La purga*” (Luna 1986 e MacRae 1992), seja entre os ayahuasqueiros brasileiros (Alto Santo, CEFLURIS, Barquinha e UDV). Refere-se às propriedades purgativas do chá que vêm acompanhadas por sensações de enjôo, confusão mental, angústia e ansiedade que podem ser sentidas antes, durante e depois dos trabalhos com a infusão. O Vegetal parece exigir de seus discípulos um cuidado especial, um carinho com o mundo e uma espécie de mudança de atitude individual e coletiva. Segundo os interlocutores, isso permite ao adepto atingir a conduta necessária para a entrada nos encantos. Tal conduta

¹³ Maiores detalhes sobre a péia consultar: Silva (2002), para os daimistas e Ricciardi (2008), para os udvistas.

surge acompanhada pela capacidade do aluno ao absorver e pôr em prática os ensinamentos favorecidos no Astral, pela ingestão da bebida. Aqueles discípulos mais teimosos recebem uma punição, um castigo carinhoso chamado péia. Isso porque determinadas atitudes cotidianas não condizem com o uso do Vegetal. A péia passa a ser um bom momento para a purificação e reflexão, no qual o adepto reflete sobre a sua condição no mundo a partir dos erros cometidos durante a vida.

De acordo com Ricciardi (2008:52), as sensações ruins que acometem o sujeito durante estes momentos de purgação são evidências de alguns elementos rituais, que surgem nos momentos da burracheira e que acompanham o adepto para além das sessões, em seu cotidiano. O gosto amargo do chá, a sensação de péia e o enjôo que ela produz parecem ser os elementos mais marcantes nesse processo¹⁴. Pode acontecer também do sujeito tomar o Vegetal e nada sentir. Para os hoasqueiros essa é a pior péia. Conhecido por castigo consciente, esse fenômeno pode causar constrangimento, pois o adepto que é por ele acometido, muitas vezes sente-se não-merecedor quando não tem a oportunidade de entrar nos encantos.

A lição do Vegetal parece ser maior de acordo com o grau de informação do discípulo. O castigo é mais forte para aqueles que sabem mais. O chá parece mostrar um erro na vida da pessoa por várias vezes, a partir de várias péias distintas, sendo uma mais forte do que a outra. Nesse caso, as péias só acabam quando o indivíduo aprende a lição e não volta a persistir no erro. Silva (2002:94), ao investigar a péia nos sistemas daimistas, afirma que o castigo simbólico possui múltiplos significados. A péia pode atingir qualquer pessoa numa sessão com ayahuasca. Ela se apresenta em quase todos os rituais e funciona como um tipo de disciplina que costuma ser aplicada aos discípulos pelas plantas professoras. Sua principal causa seria a desobediência em relação aos ensinamentos e informações recebidos no Astral.

Porém a péia sempre é vista como benéfica e de ação purificadora. Após esses momentos turbulentos, o indivíduo sente-se renovado e mais aliviado, pois a péia, aparentemente, esclarece a origem dos infortúnios e demais dificuldades vivenciados pelo sujeito no seu dia-a-dia. O hoasqueiro sabe que a péia sempre vem para o bem. Ela vem para apurar e purificar. O castigo existe reforçando a memória do aluno quando o mesmo esquece ou ignora os fundamentos hoasqueiros na condução das suas vidas

¹⁴ De acordo com Ricciardi (2008:52), alguns de seus interlocutores afirmaram ter sentido o gosto amargo do chá quando, por exemplo, consumiram bebida alcoólica numa ocasião fora da atmosfera ritual.

cotidianas.

Então quando chega ao salão e bebe o Vegetal, ele é cobrado diante da sua omissão e displicência. A péia também pode expor publicamente o castigado causando-lhe certo constrangimento perante a irmandade durante a dinâmica ritual. Para evitar esses momentos turbulentos, os discípulos costumam modificar sua vida, reformulando hábitos, ações e conceitos no seu dia-a-dia quando domestica o êxtase e se deixa domesticar por ele.

1.1.2 Visões terrificantes e o temor do desencarnar

Não só o vômito, o enjôo e a diarreia são características da péia. Além das confusões fisiológicas e psíquicas, nesse momento de purgação podem aparecer algumas visões ruins acompanhadas pelo medo da morte. Uma lição fundamental conhecida por todo hoasqueiro consiste em perder o medo dessa experiência¹⁵. Ele confia na guarnição do mestre Gabriel e para tal deve-se manter equilibrado durante a sessão para poder afastar os maus pensamentos e más visões, seguindo firme durante a vida material e espiritual.

Os efeitos do chá são comparados ao estado de falecimento, daí o seu nome significar, na língua quéchua, liana dos espíritos ou vinho das almas e até mesmo cipó dos mortos (Luna 1986). Tal etimologia nos remete à peculiaridade dessa bebida que induz seus adeptos nos vários planos da consciência não acessíveis à realidade comum. Na verdade, esses múltiplos níveis da consciência ampliada passaram a ser combatidos culturalmente quando o ocidente tentou privilegiar a razão em detrimento à emoção, aos desejos, sonhos e devaneios.

O paradigma ocidental é guiado pela ação do reducionismo que funciona mantendo o dualismo opositor entre razão e emoção; corpo e espírito; mente e cérebro; ciência e arte; fantasia e realidade; vida e morte (Lutz & White 1986; Morin 1999; Maffesoli 2001; Carvalho 2003 e Bachelard 2004). Um paradigma pode ser compreendido como uma visão de mundo compartilhada por uma sociedade específica, numa determinada época e de acordo com determinada condição histórica.

¹⁵ Quando passa mal numa sessão o hoasqueiro chama por Tiuaço, que age no auxílio dos necessitados. Alguns castigos são intensos, então os mestres dirigentes costumam fazer a chamada de Tiuaço que é o grande rei no Salão do Vegetal. A história de Tiuaço também está presente na “*História da Hoasca*”. Maiores detalhes consultar Brissac (1999), Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009a).

Tal constructo social norteador dita comportamentos, tendências, concepções, idéias e sensações compartilhados entre os atores sociais que por ele são guiados. Quando essa visão de mundo é ampliada ou desviada por algum integrante da sociedade em questão, isso causa um profundo impacto individual caracterizado pelos instantes de vertigem. A partir daí o mundo já não é visto da mesma forma (Sloterdijk 1992).

Os fenômenos emergentes nesses momentos de vertigem são interpretados de maneiras distintas, porém compartilham do fato de serem instantes confusos, tortuosos, inseguros e duvidosos. Para Peter Sloterdijk (1992:59), a ruptura com as bases de um paradigma dominante proporciona a abertura de mundos mágicos, invisíveis e inexplicados durante a antiga visão de mundo. Diante do antigo paradigma dominante, esses mundos não seriam possíveis, nem perceptíveis. Sloterdijk (1992) ainda afirma que é o mundo que nos mostra o mundo. Esse mesmo mundo construído socialmente estabelece e molda os sentimentos, atitudes e percepções dos sujeitos que o ajudam a existir. *“O nosso conhecimento orgânico do mundo é formado pelo gesto soberano de mostrar e encobrir realidades de mundo”* (Sloterdijk 1992:66). Sendo assim, o que acontece quando certas realidades são descobertas e desvendadas pelas plantas professoras da ayahwasca?

O homem contemporâneo, guiado pelo paradigma ocidental reducionista tenta excluir sua porção emotiva, passando a viver em função do imediatismo, da matéria e do agora. Naturalmente, as questões relativas ao espírito são relegadas ao descrédito, à segunda ordem das coisas mais importantes a se trabalhar, a se conquistar, a se conhecer. O medo daquilo que não se conhece, principalmente, o medo da morte, em nossas mecânicas urbes contemporâneas, é uma constante pulsante, pois não sabemos lidar com aquilo que aparentemente é o fim de tudo. Não sabemos lidar com as coisas da alma.

“Eu não me esqueço da primeira péia, agora da primeira burracheira eu não me lembro de muita coisa! Na minha primeira burracheira eu não levei péia. Levei uma depois de um bocado. Eu ali dentro do banheiro morrendo! Pra mim eu ia morrer. Aí o mestre (dirigente¹⁶) falou; ‘isso é assim mesmo’, aí eu disse; ‘não é assim mesmo não, eu vou morrer viu?’. É assim mesmo o que? O cabra vomitando e vendo que ia morrer. Aí ele (o mestre dirigente) me perguntou; ‘você já morreu pra saber como é a sensação da morte?’, aí eu disse ‘eu mesmo não, mas sei que hoje é o dia. O dia é hoje’, foi quando ele

¹⁶ O mestre dirigente é aquele que dirige uma sessão com o Vegetal. Ele representa a presença simbólica do mestre Gabriel entre os demais durante o ritual.

falou; ‘ se acalme que não é morte não, é péia’. Pense numa agonia”
(Diego. 18 anos, adepto pertencente ao Corpo Instrutivo da AEUDV).

Existe uma grande dificuldade em encarar a morte como um processo natural dos seres. Muitos acham o tema desesperador porque todo falecimento põe um ponto final no apego do ser vivo à matéria. Segundo o historiador Philippe Ariès (1989:56), a morte é um forte tabu para os sistemas culturais ocidentais. Não sabemos explicá-la porque dela nos afastamos, mas ela nos incomoda e nos encontra, quando menos esperamos. Ariès afirma que o medo e a repulsa impõem interdições cotidianas ao tema e à experiência da morte. A verdadeira morbidez, para este autor, seria nada falar a seu respeito e fingir que ela não existe.

Portanto, tomando ayahuasca, os seres revisitam o tema da morte e se preparam para esse momento crucial. Sim, porque quando o falecimento lhes chegar, eles não contarão com a ajuda de ninguém. Partirão sozinhos nessa jornada, então eles precisam aprender como não se desesperar diante dos momentos da eventual desencarnação. E já que a morte é o destino certo, então cabe aos humanos viver melhor enquanto vivos. Os hoasqueiros afirmam que o Vegetal mostra a casa dos espíritos, então cada ritual é um retorno ao lar espiritual ou Astral Superior. Ele dá uma idéia de como é a passagem. Para tal, é preciso transcender o material e esse desprendimento é doloroso para muitos iniciantes.

Perder o medo da morte é sem dúvida uma grande prova para o aluno hoasqueiro, até porque, o enfrentamento desse medo pode ser considerado um rito de passagem, que antecede a entrada nos encantos. Autores como Arnold Van Gennep (1978) e Victor Turner (1974) consideram como rito de passagem todo evento ritualístico, que promova a superação de determinados limites temporais, sociais e espaciais. Sendo assim, o rito de passagem apresenta três fases primordiais. Para Van Gennep; separação, margem e agregação, enquanto que para Turner; separação, liminaridade e reintegração. Os dois autores afirmam que a fase intermediária do rito, mostra-se turbulenta, pois o indivíduo é separado do estado inicial e deixado em transição. Durante a margem, para Van Gennep (1978), ou liminaridade, para Turner (1974), emerge o medo e o perigo decorrente de tal condição ambígua. Nesses instantes inconstantes é comum o surgimento de um forte sentimento de perda e até mesmo de uma morte momentânea.

Podemos notar no caso hoasqueiro que, durante as sessões, esses momentos de passagem são frequentes. Neles os participantes, após tomar o Vegetal, são lançados aos distintos planos da consciência, incomuns à realidade cotidiana. Aqueles discípulos mais antigos sabem o que os espera durante essa jornada, porém os mais inexperientes podem sentir-se desorientados ao serem desconectados de suas realidades comuns e lançados ao plano espiritual. A turbulência dessa passagem pode muito bem ser comparada aos estados de falecimento, desprendimento, perda ou vazio. É preciso domesticar a força estranha para poder ser domesticado por ela e perder o medo da morte faz parte desse processo de aprendizado.

Segundo os alunos da AEUDV, o conhecimento maior propiciado pelo Vegetal só é possível quando a pessoa realmente entra nos encantos da burracheira. Para entrar é preciso ser humilde e simples, mas ao mesmo tempo o discípulo deve ter firmeza para saber se controlar durante a experiência e perder o medo da morte, decorrente da dificuldade do desapego material. Para entrar no Astral, o aluno sabe que precisa adquirir uma conduta que não condiz com certos atos e comportamentos que são reformulados em prol do desenvolvimento espiritual do hoasqueiro.

Dessa forma, o discípulo encontra-se controlado e preparado para receber as mensagens da burracheira no Astral Superior, passando a encarar vida e morte em conjunto diante de sua caminhada espiritual, da qual emerge um constante fluxo de aprendizado e de contato entre as duas porções humanas, culturalmente opostas, mas que mantêm uma íntima relação comensal entre si. Quando a matéria conecta-se ao espírito e o espírito conecta-se à matéria, o êxtase promove cenários inesperados. O sujeito sente-se tomado por uma forte sensação de contato e união com uma ampla consciência universal, que existe por si e para si a partir da junção de todas as coisas numa constante dança cósmica que mobiliza o macrocosmo, o microcosmo, o finito e o infinito sendo a morte apenas uma das fases dessa dança.

1.1.3 Quando a péia de cada um é a péia de todos

O hoasqueiro está ciente da importância do seu papel durante a sessão. Ele sabe que um pequeno desvio em seu comportamento influencia negativamente, a corrente de pensamentos que circula entre as pessoas, durante as sessões no Salão do Vegetal.

Muitas vezes, devido ao descontrole de alguns mais esquecidos ou desavisados, o distúrbio individual provoca uma repercussão coletiva que interfere no desenvolvimento da ação ritual. Esses fenômenos turbulentos são vistos como interferências na corrente de pensamentos devido ao distúrbio e confusão de determinadas pessoas despreparadas dentro do salão. Cabe ao mestre dirigente receber e sentir a situação para poder corrigir essa interferência, por meio das chaves contidas nas chamadas¹⁷ da União do Vegetal.

“A desarmonia de poucos influi na harmonia de muitos. Os focos de desarmonia representam centros de atração para sentimentos e/ou pensamentos em igual sintonia, e tendem a se espalhar pela corrente” (Silva 2002:31). Às vezes também acontece de um adepto passar sua angústia individual para outro membro, durante a sessão, através de um simples toque. Os hoasqueiros costumam ter um cuidado muito especial com o contato corporal, pois a situação de uma pessoa pode ser direcionada a outra, que muitas vezes não está preparada para receber tamanha carga de informação e acaba desviando a atenção devida, exigida pelo ritual. Nesse caso, se já havia um pequeno distúrbio, agora teriam dois ou mais, pois a situação pode chegar a atingir todos que estiverem no salão.

“Quando chega dentro do salão, encontra aquelas pessoas mais antigas nos ensinamentos e eles captam as energias dos que chegam. Ao invés daquele que chega passar mal, muitas vezes aquela situação vem para a pessoa mais antiga. Isso são coisas que a burracheira mostra. Às vezes você escuta muitas vozes. Aquela coisa no seu ouvido fica murmurando e não dá para você entender nada não! Sempre surge dessa maneira. Muitas vezes não dá para você entender nada do que chega até você” (Jair. 33 anos, adepto pertencente ao Corpo Instrutivo da AEUDV).

O fenomenólogo Rupert Sheldrake (1995:330) ao analisar a transmissão de tendências, formas e comportamentos na natureza, apresentou a hipótese da causalidade formativa na tentativa de compreender melhor alguns fenômenos naturais e culturais. É correto afirmar, a partir dessa hipótese, que tanto a natureza quanto os sistemas sociais humanos dependem daquilo que aconteceu no passado. As tendências, nesse caso, repetem-se, pois seriam transmitidas a partir de campos mórficos organizadores que

¹⁷ Essas chaves são capazes de abrir ou fechar determinadas portas nos distintos estados da percepção. Sempre vêm junto das chamadas que são aprendidas nas sessões instrutivas assim como as histórias da União do Vegetal. Cada chamada contém uma chave e cada chave contém uma história. Lembrando que toda a doutrina udvista é oral e transmitida aos poucos de acordo com o envolvimento do discípulo que condiz com o respectivo grau hierárquico que ocupa na União.

estabelecem padrões habituais específicos e particulares. Segundo Sheldrake (1995:15), quando um hábito é abandonado seu respectivo campo mórfico não desaparece, permanecendo, dessa forma, em estado latente, até que uma nova tendência possa acioná-lo.

Campos mórficos não podem ser considerados objetos materiais e suas transmissões informacionais não são energéticas. Eles devem ser encarados como meras regiões de influência. Os campos mórficos são mantidos e estabilizados pela ressonância mórfica de sistemas semelhantes e anteriores. A ressonância seria justamente a transmissão das influências causais formativas através do tempo e do espaço. Existe, dentro dos campos mórficos que são estabilizados e mantidos pela ressonância mórfica, uma memória cumulativa que, para Sheldrake (1995:15), explicaria o motivo que induz os fenômenos a se tornarem cada vez mais habituais por repetição. Os campos não são rígidos. Apresentam-se como zonas de probabilidade que possuem uma flexibilidade inerente à sua transmissão. Podem facilmente deslocar as regiões de atuação diante de uma reorganização incomum às estruturas físicas e materiais.

Hábitos que se repetem são vistos também nas culturas e tradições que compartilham, segundo Sheldrake, de múltiplos campos mórficos que ditam o jeito de ser dos humanos. A influência da ressonância mórfica entre indivíduos próximos é tamanha, que os mesmos compartilham imagens, pensamentos, idéias e sentimentos de acordo com o sistema cultural específico que, como em todo o universo, segue regido pela hipótese da causalidade formativa na qual a ressonância mórfica é transmitida a partir da existência desses campos mórficos.

Para o nosso caso específico não seria diferente, visto que a partir da hipótese da casualidade formativa, os sistemas ayahuasqueiros também compartilhariam de campos mórficos que os conectariam ao passado a partir daquilo que pode ser entendido como tradição ayahuasqueira. Uma das provas concretas da atuação dos campos mórficos nesses sistemas de crenças pode ser observada, por exemplo, ao detectarmos a presença do fenômeno universal da péia emergente nas sessões com ayahuasca.

Também podemos verificar, na prática, a transferência de certas tendências quando analisamos o modo de ação de uma péia coletiva. Neste caso a tendência ou situação, é transmitida a todos no Salão do Vegetal, seja pelo simples toque corporal ou

por desatenção de alguns discípulos despreparados. Logo, as visões ruins, sensações de enjôo, náuseas e vozes murmurantes passam a circular dentro da corrente de pensamentos. Segundo a hipótese da casualidade formativa, isso acontece devido à atuação de campos mórficos já existentes, mas que durante a sessão são ativados pela ressonância mórfica daqueles indivíduos desatentos, que permitiram a generalização e a transmissão da situação entre os demais.

O mestre dirigente e os adeptos reverterem essa atuação danosa por meio das chaves contidas nas chamadas da União do Vegetal. As chamadas também acionam outros campos mórficos que anulam a atuação das situações adversas fazendo com que os hoasqueiros domesticuem a força estranha ao seu favor. A tensão é equilibrada durante a sessão de modo que a tranquilidade volte ao salão e o ritual possa acontecer sem maiores transtornos, transformando a péia coletiva numa burracheira de luz. Isso quando o mestre dirigente equilibra a tensão da corrente e contorna a situação por meio das chamadas que trazem de volta a paz e a tranquilidade para dentro do Salão do Vegetal. Lembrando que o descontrole serve para a reflexão, purificação e para o bem dos alunos. São momentos turbulentos nos quais a irmandade aprende com seus erros e acertos, trabalhando a cada dia e a cada sessão para se aprimorar domesticando a força estranha e sendo modificado por ela.

1.2. Histórias e chamadas para domesticar a força estranha

A crença udvista é sustentada pela narrativa oral. Nenhum texto doutrinário foi escrito ou arquivado, que possa ser acessado nos parâmetros materiais, salvo alguns artigos, dissertações e teses científicas¹⁸. Os ensinamentos são guardados na memória daqueles mais empenhados que por saberem mais, são mais cobrados porque têm mais a doar diante daqueles que desconhecem tal verdade. Os conceitos de memória e recordação são importantes bases udvistas. São, por assim dizer, os fios condutores dessa religião que se sustenta a partir da ação dos seus mestres e discípulos contadores de histórias.

O grau de memória do adepto está relacionado ao seu grau de informação obtido na doutrina, que condiz com sua caminhada espiritual. Não está necessariamente

¹⁸ Como exemplos, podemos citar as dissertações de Brissac (1999), Andrade (2005) e Ricciardi (2008); a tese de Goulart (2004), além do site oficial da instituição udvista: <http://www.udv.org.br/>

relacionado às acuidades intelectuais, porém está ligado à capacidade do discípulo em saber ouvir, analisar, compreender, memorizar e recordar os ensinamentos do mestre Gabriel. O conhecimento é transmitido aos poucos e de acordo com os graus hierárquicos¹⁹ constituintes dos sistemas guiados pela linha da União. O grau de memória e recordação do discípulo é avaliado rotineiramente e está relacionado à sua participação nos estudos da doutrina e ao seu comportamento dentro e fora do Salão do Vegetal. Durante as sessões instrutivas e aquelas direcionadas ao Corpo do Conselho²⁰, o hoasqueiro se aprofunda nos ensinamentos desse sistema de crenças. É quando ele entra em contato com as histórias e chamadas da UDV.

As histórias foram deixadas pelo mestre Gabriel para que seus seguidores possam revisitar, avaliar e compreender as mensagens implícitas nesses importantes mitos. Nenhuma delas possui registro escrito. Ficam guardadas na memória dos adeptos mais antigos, que as transmitem aos demais durante as sessões de instrução. Eliade (1998) afirma que todos os mitos compartilhados pela humanidade representam as histórias das origens. Eles são, ao mesmo tempo, explicações e exemplos, no sentido em que devem ser repetidos porque servem de modelos e justificam para todas as ações e crenças humanas.

Segundo este autor, os mitos podem ser identificados como cosmogônicos ou de origem. A narrativa dos dois tipos de mito nos remete a situações iniciais, porém a explicação dos eventos ocorre em tempos distintos. O surgimento do cosmo e do universo é relatado nos mitos cosmogônicos, enquanto os de origem comumente explicam uma nova condição, quase sempre relacionada à origem da vida. As duas categorias de mitos, pensadas pelo historiador, não se opõem, sendo suas narrativas complementares e auto-explicativas.

Tanto o mito cosmogônico quanto o de passagem precisam ser reatualizados durante os rituais. O momento inicial, o auge da criação, enfim o gênesis absoluto faz com que o homem religioso identifique no mito cosmogônico um tempo original e sagrado. A cosmogonia favorece o cenário ideal para a explicação do mito de origem, pois a origem da vida dos personagens míticos só é possível depois que formado o mundo e o universo. Durante os ritos as narrativas são revisitadas e o que acontece agora

¹⁹ São eles; discípulos do Corpo Instrutivo, discípulos do Corpo do Conselho e Quadro de Mestres. Maiores detalhes consultar: Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009a).

²⁰ As sessões dos udvistas estão divididas entre sessões de escala, sessões extras, instrutivas e comemorativas. Maiores detalhes consultar: Goulart (2004), Ricciardi (2008) e Lira (2009a).

repete o que aconteceu antes e a repetição sempre remete à primeira vez que aconteceu, no tempo mítico das origens.

Nos sistemas udvistas, algumas histórias, que representam os mitos cosmogônicos e de origem da doutrina, podem ser narradas pelos mestres dirigentes nas sessões de escala, enquanto outras ficam reservadas às sessões extras e instrutivas.

“A história da Hoasca é ouvida por todos. Mas tem a história do carnaval, história de São Cosme & São Damião, tem a história de Santa Clara, tem a história da Samaúma, tem história do doutor Camalango, tem a história da criação... Essa da criação é só para o Corpo Instrutivo mesmo. Tem a história de Adão e Eva, entendeu? Então têm várias histórias que são contadas. A maioria das chamadas está conectada aos sentidos dessas histórias. Toda chamada tem uma chave” (Mestre Jú Medeiros. 50 anos, pertence ao Quadro de Mestres da AEUDV).

Elementos fornecidos pelo Astral, as chamadas narram, repetem e reatualizam os mitos hoasqueiros. Os seres espirituais e míticos são lembrados nesses cânticos que trazem consigo muitas chaves que abrem e fecham as devidas portas dos distintos planos da consciência. Muitas delas foram recebidas pelo mestre Gabriel. Seus discípulos, os Caianinhos²¹ ouvem, praticam, estudam e entoam as chamadas nos rituais. Elas são consideradas sagradas, pois foram recebidas diretamente dos seres que habitam o Astral. Não podem ser alteradas e nem apresentar mensagens vagas ou versos sem sentido.

Existem critérios para aceitação desses cantos e utilização dos mesmos entre os demais. Na UDV esse trabalho é realizado pelo Conselho da Recordação. Tal conselho é composto pelos mestres mais antigos na tradição, que se encarregam de selecionar as chamadas, estudar suas mensagens e saber o histórico de quem as recebeu. A AEUDV ainda não apresenta um quadro definido e direcionado à seleção das novas chamadas que seus adeptos recebem, durante as sessões com o Vegetal. Alguns afirmam tê-las recebido²², mas as mesmas ainda não são entoadas nos trabalhos. Por enquanto, todas as chamadas feitas nos rituais dessa Associação são udvistas e aprovadas pelo Conselho da

²¹ Os Caianinhos são os hoasqueiros. Eles também são guarnecidos pelo personagem mítico Caiano o primeiro mestre da doutrina do Vegetal. Caiano também está presente na *“História da Hoasca”*. Ele representada uma das várias encarnações do mestre Gabriel. Maiores detalhes consultar: Goulart (2004), Andrade (2005), Ricciardi (2008) e Lira (2009a).

²² Na AEUDV, dois dos cinco entrevistados disseram ter recebido chamadas inéditas durante a burracheira. Um é mestre e o outro faz parte do Corpo Instrutivo. Ambos fizeram as chamadas fora do contexto ritual na presença do mestre Patrício (mestre representante) que ainda está avaliando a possibilidade de inserir as chamadas desses irmãos nas sessões do sítio. O mestre representante é aquele que representa um núcleo hoasqueiro.

Recordação da UDV. Mensagens recebidas pelos mais antigos mestres hoasqueiros, sendo o mestre Gabriel o principal deles.

MacRae (1992:42) analisa os ícaros entoados pelos vegetalistas peruanos conhecedores da ayahuasca. Segundo este autor, tais cânticos xamânicos possuem um papel fundamental diante da condução do ritual, pois norteiam as experiências místicas dos participantes. Ainda de acordo com MacRae (1992) os hinos entoados pelos daimistas, também possuem uma forte característica de guiar a experiência dos fieis ao mesmo tempo em que são capazes de projetar imagens vivas na mente dos frequentadores dos rituais. No caso das chamadas udvistas, a capacidade norteadora destes cantos, que são entoados nas sessões com o Vegetal, também é inerente. As palavras são simples, porém invocam e proporcionam uma miscelânea imagética fenomenal. *“Para os ayahuasqueiros, é inconcebível entrar no mundo dos espíritos em silêncio (...) Os cantos provocam uma ampliação do campo visual, bem como visões de figuras geométricas. O som é um catalisador de visões”* (Drouot, 1999:42).

As chamadas também criam imagens nas mentes dos participantes da sessão e a vibração, emitida pelas vozes daqueles que as cantam, funciona como um veículo primordial, que conduz a experiência do hoasqueiro. *“Os cantos e os rituais trabalham em harmonia para criar um campo morfogenético que sustenta e amplifica a experiência extática”* (idem). Sem dúvida, como vimos em Zinberg (1984) e MacRae (2004), nas histórias e chamadas da UDV estão implícitas as sanções sociais com as quais o hoasqueiro domestica a experiência. Elas têm uma importância fundamental porque estimulam e desencadeiam os eventos durante as sessões, além de reatualizarem os mitos udvistas²³. Cantar para o divino também constitui um fenômeno universal dentre aqueles que comungam essa bebida xamânica²⁴.

Na AEUDV os adeptos são encorajados a entoar chamadas e realizar perguntas durante os rituais. Nos sistemas udvistas, essa participação ativa do aluno garante o seu grau de instrução, firmeza, memória, recordação e interesse para com as doutrinas

²³ Optei por não divulgar os conteúdos das chamadas, pois além desses cânticos serem considerados sagrados, os seus registros escritos vão de encontro aos princípios dessa doutrina. Minha análise não foi direcionada aos elementos que constituem as chamadas e sim às suas funcionalidades a partir da interpretação dos adeptos.

²⁴ A existência dessa tendência também pode ser entendida a partir da hipótese da casualidade formativa pensada por Sheldrake (1995) na medida em que observamos que os cantos e as músicas são bastante comuns entre aqueles que utilizam ritualmente essa bebida. Talvez os campos mórficos e a ressonância mórfica também influenciem na recorrência do fenômeno ayahuasqueiro de cantar para o divino.

do mestre Gabriel. Portanto é necessário que ele saiba o que está fazendo e atenha-se às necessidades do trabalho. Obrigatoriamente em toda sessão de escala, devem ser feitas as chamadas de abertura e fechamento da sessão²⁵.

Durante o ritual, outras chamadas surgem de acordo com a necessidade do trabalho. De acordo com o que está circulando dentro da corrente de pensamentos. Cabe ao mestre dirigente, e aos alunos, saber o que fazer durante as possíveis eventualidades. As chamadas de força são feitas no salão no intuito de ampliar a força do Vegetal e aumentar a burracheira. Existem chamadas de luz, que trazem clareza e esclarecimento para que todos tenham discernimento e possam se concentrar nos ensinamentos da sessão. Também têm as chamadas de socorro, caso algum participante precise de auxílio ou esteja passando por maus momentos durante os trabalhos.

Também algumas chamadas trazem cura, pois agem no intuito de aliviar ou curar determinados infortúnios, a depender do merecimento do enfermo. O papel das chamadas parece ir além da funcionalidade ritual. Elas também acompanham o dia-a-dia dos adeptos. Elas ficam, por assim dizer, na cabeça do aluno. Vez ou outra podem surgir no meio da semana e isso faz o adepto recordar do seu lugar de poder. Os adeptos indicam que muitas vezes esse consolo pode aparecer em momentos de crise, quando o hoasqueiro se encontra perdido, no seu cotidiano, em problemas dos mais diversos. Involuntariamente, o subconsciente libera esses símbolos rituais que vêm à tona, de forma que um pouco da paz de espírito inerente às letras e vibrações das chamadas possa auxiliar, reforçar e discernir os caminhos certos a serem trilhados na vida cotidiana.

O hoasqueiro sabe que o chá é um veículo ampliador dos sentidos da doutrina. O Vegetal é a ponte que conduz a ida e a volta do Astral. Ele facilita a abertura dos portais, mas para tal é preciso disciplina, ordem e discernimento daqueles que vão atravessar tal passagem. É quando entram em interação as duas metades do homem, que se constroem e se mantêm mutuamente, numa vasta jornada rumo ao aprimoramento. Matéria e espírito. O dualismo não é redutor e essa relação passa a ser retroalimentada pela ação de ambas as partes que unidas, dão continuidade ao homem renovado que repensa seus objetivos, atos, gestos e palavras num eterno ciclo complexo entre o material e o metafísico, sem que ambas as partes se anulem ou disputem entre si, durante a

²⁵ Alguns personagens da cosmologia udvista são evocados nas chamadas de abertura e fechamento. Maiores detalhes consultar: Goulart (2004:22).

caminhada espiritual.

O Vegetal facilita o aprendizado do espírito nessa jornada evolutiva. Porém, essa potencialidade cognitiva tem um preço. Informação, responsabilidade e cobrança aparecem, nessa dinâmica cognitiva, como três parcelas diretamente proporcionais. Essa matemática do aprendizado hoasqueiro repercute na vida social, na medida em que o sujeito passa por densos períodos de reflexão, que o fazem se posicionar no cosmo, no mundo, na vida, no corpo e na sociedade.

Bibliografia:

ANDRADE, A. P. 1995. *O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla: um estudo centrado na União do Vegetal*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernado do Campo.

ARIÈS, P. 1989. *Sobre a História da morte no Ocidente: desde a idade média*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Teorema.

BACHELARD, G. 2004. *Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado*. Rio de Janeiro, Contraponto.

BRISSAC, S. 1999. *A Estrela do Norte Iluminando Até o Sul. Uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional. Rio de Janeiro.

CARVALHO, E. A. 2003. *Enigmas da Cultura*. São Paulo: Cortez.

DROUOT, P. 1999. *O físico, o xamã e o místico*. Rio de Janeiro: Record- Nova Era.

ELIADE, M. 1992. *O sagrado e o profano*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 1998. *Mito e realidade*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A..

GOULART, S. L. 2004 . *Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

LEARY, T. et alii. 1964. *The Psychedelic Experience: a manual based on the Tibetan Book of the Dead*. New York: Citadel Press.

LIRA, W. L. 2009a. *Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.

_____. 2009b. “Os estados da arte dissidente na continuidade com a tradição hoasqueira”. In: Revista Ponto Urbe/USP, v. 05, São Paulo. (pp. 01-27).

_____. 2010. “Lições da ayahuasca na AEUDV pernambucana”. In: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v 11. Florianópolis, (pp. 525-559).

LUNA, L. E. 1986. *Vegetalismo: shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*. Estocolmo: Almqvist and Wiksell Internacional.

LUTZ, C. & WHITE, G. 1986. *The Anthropology of Emotions*. North Caroline: Annual Review of Anthropology, (pp. 405-436).

MACRAE, E. 1992. *Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense.

_____. 2004. *O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como exemplo de redução de danos*. Brasília: Texto apresentado para a Câmara de Assessoramento Técnico-Científico do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD).

MAFFESOLI, M. 2001. *Sobre o Nomadismo; Vagabundagens Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Editora Record.

MORIN, E. 1999. *Ciência com Consciência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

RICCIARDI, G. S. 2008. *O Uso da Ayahuasca e a Experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV)*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. Salvador.

SHELDRAKE, R. 1995. *A ressonância mórfica & a presença do passado. Os hábitos da natureza*. 1ª ed. Lisboa: Instituto Piaget.

SILVA, L. O. 2002. *Marachimbé veio foi para apurar. Estudo sobre o castigo, ou peia, no ritual do Santo Daime*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

SLOTERDIJK, P. 1992. *Mobilização Copernicana e Desarmamento Ptolomaico: Ensaio Estético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

TURNER, V. 1974. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes.

VAN GENNEP, A. 1978. *Os ritos de passagem* (Apresentação de Roberto da Matta). Petrópolis: Vozes.

ZINBERG, N. 1984. *Drug, set and setting*. New Haven: Yale University Press.